

## Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

### Estudo 2 - O desafio da reconstrução do templo

#### Esdras cap. 4

Elaborado por Gerson Berzins  
([gerson@pibrj.org.br](mailto:gerson@pibrj.org.br))

Caros ouvintes: estamos de novo compartilhando nosso tempo no estudo da palavra divina a respeito da restauração do povo judeu, ao fim de 70 anos de exílio na Babilônia. O texto bíblico para esta oportunidade é o capítulo 4 de Esdras.

Nos capítulos precedentes tomamos conhecimento da chegada à Jerusalém da caravana dos que retornam e do seu assentamento nas cidades de Judá de onde eram originários (2.70). Ficamos sabendo da prontidão com que se dedicam ao trabalho que era a sua missão: a reconstrução do templo. As primeiras ações rapidamente se tornam efetivas. O altar é levantado e o oferecimento de holocaustos a Deus, pela manhã e a tarde são restabelecidos (3.3). Segue-se a celebração da festa dos tabernáculos e a reintrodução do ciclo de oferendas e celebrações (3.4). Há uma demonstração de grande cuidado para com o correto cumprimento de todas as determinações para o culto. É uma evidência do fervor religioso que os que retornaram trouxeram consigo. Estavam imbuídos do desejo de obedecer fielmente a Deus e ver o quanto antes Jerusalém restabelecida como o centro da adoração a Jeová. A prioridade da adoração é colocada à frente da reconstrução do templo e o culto a Deus é reinstalado mesmo antes de se trabalhar na recuperação das fundações do santuário (3.6). Sabemos pela palavra dos profetas, especialmente de Jeremias que o exílio foi decorrência da desobediência e idolatria do povo. Nesse sentido, o exílio foi pedagógico, e agora a restauração começa pautada pela lição recebida, evidenciada na forte preocupação com a integridade e pureza no cumprimento dos preceitos divinos. A

mesma preocupação é notada no capítulo 2 que arrola os que retornaram: No verso 62 alguns pretendentes ao sacerdócio são rejeitados como imundos, pois seus nomes não são encontrados nos registros das genealogias e assim não cumpriam as condições para se dedicarem ao serviço religioso.

O relato do capítulo três se encerra com a descrição dos trabalhos para se demarcar as fundações do templo e o lançamento de seus alicerces, que é celebrado em uma grande adoração, quando os sacerdotes já se apresentam com suas vestimentas apropriadas e os louvores são acompanhados por trombetas e címbalos. À alegria e o júbilo da ocasião se junta o choro emocionado daqueles mais idosos, que tinham conhecido a glória do antigo templo e podiam vivenciar o seu ressurgimento. Assim, as coisas estavam evoluindo céleres e os grandes anseios se tornando realidade.

A tônica do relato se altera drasticamente no capítulo quatro, com a entrada em cena dos adversários. Sabemos que são adversários porque o autor assim os introduz. Se ele apenas relatasse os fatos, poderíamos talvez ter uma perspectiva diferente. Os ditos 'adversários' chegam para ajudar. Querem participar do esforço da reconstrução do templo.

Ora, se as coisas estavam evoluindo a contento e sem delongas, que bom que mais uma ajuda surge. As intenções dos que querem ajudar são corretas, e devemos crer sinceras: **“como vós, buscaremos o vosso Deus; como também já lhe sacrificamos...”** (v.2). Mas os líderes da reconstrução, e

Zorobabel e Jesua impedem essa cooperação, em nome da pureza e da integridade do desejo dos judeus, alegando uma falta de identidade entre as partes: **“Nada tendes conosco na edifi-cação da casa a nosso Deus; nós mesmos, sozinhos a edificaremos...”** (v.3). E a crise está criada.

Negar a esses adversários o direito de participar vai custar 10 anos de paralisação da reconstrução do templo. Pode parecer um preço alto demais para se pagar por uma posição de intransigência, mas ela reflete o ânimo dos que voltaram e seu desejo de a todo custo manterem -se fiéis a Deus que não aceita idolatria e exige exclusividade de adoração.

Quem eram esses que queriam adorar a Deus junto com os judeus no templo de Jerusalém? Duas informações da Bíblia respondem a questão: (1) No verso 3 ficamos sabendo que esses adversários eram estrangeiros, trazidos para a região pelo rei assírio Esar-Hadom, para repovoá-la, depois que os judeus que nela habitavam foram deportados para a Assíria. (2) no capítulo 17 de 2 Reis, a partir do verso 24 se relata a destruição do Reino do Norte pela Assíria, informando que os estrangeiros deportados para repovoar a região tiveram muitas dificuldades de sobrevivência, a ponto de ter sido necessário que sacerdotes do Reino do Norte fossem trazidos de volta para orientar espiritualmente os novos habitantes. Assim, uma religiosidade sincrética foi se formando (2Re 17.27-34). Sem dúvida, os líderes do povo conheciam a história. Não podiam aceitar a mistura de religiões, totalmente contra os preceitos de exclusividade exigidos por Jeová. A questão não é quão alto é o preço a pagar. A questão é que o preço é inaceitável, ainda que de graça.

As conseqüências de se manter rigidamente fiel a princípios surgem de imediato, e os adversários mostram-se de fato como são apresentados pelo

narrador bíblico: Opositores da reconstrução, que lançam mão de todos os recursos possíveis, desde ameaças psicológicas e reais até influências políticas junto ao centro do poder do império persa (v.4-5).

Os reis se sucedem na Pérsia: Ciro é substituído por Cambises, de quem a Bíblia não fala, que é substituído por Dário, que é sucedido por Xerxes ou Assuero, que é sucedido por Artaxerxes. A política persa muda, na medida em que o Egito ganha força momentânea, e nesse contexto uma Jerusalém reconstruída pode se apresentar como uma ameaça. Os adversários de Judá e Benjamim sabem utilizar esses fatos como argumentos na sua vingança contra aqueles que os impediram de participar na reconstrução do templo. E assim, passam-se dez anos. Tempo suficiente para minguar qualquer ardor e para sepultar muitas expectativas. Podemos considerar que cada um dos que retornaram foram cuidar das suas vidas. Reconstruíram suas propriedades nas cidades de Judá, começaram seus negócios e foram em frente.

O foco no objetivo do retorno foi progressivamente se turvando, até não ser mais reconhecível.

É tempo de Deus mandar de novo seus profetas para realimentar a esperança, e reconfirmar a promessa. É esse desenvolvimento da história que estaremos considerando em nosso próximo estudo.